

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO DA
CORRUPÇÃO E FELICIDADE AUTORREPORTADA NA
AMÉRICA LATINA**

**ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN
PERCEPTION OF CORRUPTION AND SELF-REPORTED
HAPPINESS IN LATIN AMERICA**

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.13059/RACEF.V15I3.1223](http://dx.doi.org/10.13059/RACEF.V15I3.1223)

Maria das Graças Franchini
maria.franchini@ufv.br
Universidade Federal de Viçosa

Evandro Camargos Teixeira
evandro.teixeira@ufv.br
Universidade Federal de Viçosa

Laís de Sousa Abreu Soares
lais.abreu@ufv.br
Universidade Federal de Viçosa

Data de envio do artigo: 29 de Janeiro de 2024.

Data de aceite: 07 de Julho de 2024.

Resumo: O nível de bem-estar da população é parâmetro fundamental para que seja possível qualificar o processo de desenvolvimento econômico de determinado país. Por se tratar de um fator subjetivo e de difícil mensuração, empiricamente, o nível de bem-estar tem como proxy usual a felicidade autorreportada pelos indivíduos. Nesse sentido, a Economia da Felicidade vem ganhando espaço como uma corrente que procura relacionar fatores socioeconômicos ao nível de bem-estar autorreportado. Destarte, no presente estudo, buscou-se analisar a relação entre percepção das práticas de corrupção, relacionadas tanto ao setor público quanto privado e à sociedade em geral, dos indivíduos latino-americanos sobre sua felicidade autorreportada, por meio da estimação de um modelo econométrico Probit Ordenado, empregando-se dados obtidos na 7ª Onda da World Values Survey (WVS), realizada entre os anos de 2017 e 2022. Como resultados, foi possível verificar que a percepção da corrupção não é capaz de exercer influência significativa sobre a felicidade autorreportada.

Palavras-chave: Percepção da Corrupção, Bem-Estar Subjetivo, Felicidade, América Latina, Probit Ordenado.

Abstract: *The level of well-being of the population is a fundamental parameter for assessing the economic development process of a particular country. As it is a subjective and difficult-to-measure factor, empirically, the level of well-being is usually proxied by self-reported happiness by individuals. In this sense, the Economics of Happiness has been gaining ground as a movement that seeks to relate socio-economic factors to self-reported well-being. Thus, in the present study, we sought to analyze the relationship between the perception of corruption practices, related to both the public and private sectors and society in general, among Latin American individuals concerning their self-reported happiness, through the estimation of an Ordered Probit econometric model, using data obtained in the 7th Wave of the World Values Survey (WVS), conducted between the years 2017 and 2022. As a result,*

it was possible to verify that the perception of corruption is not able to exert a significant influence on self-reported happiness.

Keywords: *Corruption Perception, Subjective Well-being, Happiness, Latin America, Ordered Probit.*

1 INTRODUÇÃO

A promoção de bem-estar é objeto de estudo de diversas Ciências e, dessa forma, são utilizados conceitos econômicos, antropológicos, psicológicos e políticos para sua análise (Aydos; Figueiredo Neto; Teixeira, 2016; Campetti; Alves, 2015; Nery, 2014). Especificamente, no caso das Ciências Econômicas, o tema tem sido discutido desde seu surgimento enquanto Ciência, além de figurar entre os principais objetivos almejados em termos de políticas públicas (Nery, 2014).

Ao longo do século XX, algumas críticas relacionadas à Teoria Clássica do Bem-Estar passaram a ser difundidas com relação à concepção utilitarista, considerando sua falha ao abordar a utilidade como única fonte de valor e adotá-la como indicador proeminente do bem-estar dos indivíduos. Por conseguinte, como alternativa à teoria da maximização do bem-estar individual, que considera o indivíduo isoladamente, a nova abordagem sugerida reconhece que esse faz parte de um contexto mais abrangente, que exerce e sofre influência do meio com o qual ele interage, considerando além dos aspectos individuais, também os sociais (Giacomelli, 2017).

Como alternativa, Diener, Suh e Oishi (1997) afirmam que o conceito de bem-estar subjetivo (BES) se refere ao campo de estudos que procura compreender as avaliações que os indivíduos fazem de suas próprias vidas, de modo que para que se obtenha um nível satisfatório de BES, é necessário que o indivíduo mantenha um elevado nível de satisfação com a vida e de frequência em termos de experiências emocionais positivas. Além disso, Diener et al. (1999) ressaltam que os fatores positivos considerados não envolvem, necessariamente, elementos de prosperidade econômica, pois o bem-estar também pode ser impactado

por elementos não econômicos (Nery, 2014). Nesse sentido, dada a proximidade entre os conceitos, o BES é normalmente utilizado como uma ferramenta para mensurar a felicidade autorreportada (Corbi e Menezes-Filho, 2006; Nery, 2014).

Diante disso, a partir do momento em que a felicidade passa a ser estudada com mais afinco pelas Ciências Econômicas, surge a denominada “Economia da Felicidade”, que procura relacionar fatores socioeconômicos ao nível de felicidade autorreportado, o que corresponde ao bem-estar subjetivo relatado pelos próprios indivíduos. Diante da referida relevância, nas últimas décadas, alguns estudos foram realizados utilizando a felicidade como medida subjetiva de bem-estar (Corbi; Menezes-Filho, 2006; Aydos; Figueiredo Neto; Teixeira, 2016).

Dessa forma, é possível verificar que a felicidade autorreportada já foi relacionada a diversos fatores socioeconômicos, como nível de escolaridade (Campbell; Converse; Rodgers, 1976), qualidade ambiental (Santos, 2015), religião (Fidrmuc; Tunali, 2015), estado de saúde (Lyubomirsky et al., 2006), desigualdade de renda (Yan; Wen, 2019), além da renda per capita (Easterlin, 1980). Logo, tendo em vista sua magnitude e relevância, a corrupção é outro importante fator que tem sido relacionado à felicidade, em virtude de seu potencial em termos de impacto no nível de bem-estar da população (Lopes; Toyoshima, 2013).

Para que seja possível analisar a relação entre corrupção e felicidade autorreportada é fundamental que seja estabelecido o conceito de corrupção. Segundo Tanzi (1995), a corrupção se refere a não adequação intencional ao princípio da igualdade de tratamento, por meio do qual as relações pessoais não devem interferir nas decisões econômicas tomadas pelos agentes. São exemplos de corrupção, seja no setor público ou privado, desvio de dinheiro, pagamento/recebimento de propina, sonegação de impostos, entre outros.

De acordo com a UNODC (2013), a prática da corrupção é um dos maiores obstáculos ao processo de desenvolvimento socioeconômico

no mundo e estima-se que, anualmente, um valor correspondente a cerca de 5% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial é desviado em atos corruptivos. Além disso, estima-se que nos países em desenvolvimento a quantia de fundos desviados de seus destinos pela corrupção é dez vezes superior ao valor destinado à assistência oficial para o desenvolvimento (UNODC, 2013).

Na América Latina, o fenômeno da corrupção, muitas vezes, é abordado como um fato da vida social (Goldstein; Drybread, 2018). Segundo Morris (2008), uma série de fatores como menores níveis de desenvolvimento e educação, condições políticas e culturais são capazes de influenciar o nível de corrupção nesses países. No entanto, apesar do vasto conhecimento da presença de atividades corruptas nos países latino-americanos, a literatura pouco se dedicou a analisar essa relação.

Conforme afirmado por Hayashi (2010), em linhas gerais, os níveis mais elevados de corrupção estão associados a um aumento do risco e conseqüente redução dos investimentos produtivos, tanto internos quanto externos, a níveis inferiores de competitividade e diminuição do potencial de crescimento econômico dos países mais afetados. Além disso, a corrupção implica na redução da eficiência dos gastos públicos, em especial, dos sociais, o que repercute negativamente no acesso às necessidades básicas das populações e no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Por se tratar de um tema com definição complexa, que varia entre os países e ao longo do tempo (Li; An, 2019), mensurar a corrupção efetiva de um determinado país pode ser um trabalho bastante laborioso (Bello; Villarino, 2021). Assim, o nível de percepção de corrupção – seja ela pública, privada ou da sociedade civil – é, usualmente, utilizado como proxy para que se possa analisar a prevalência da corrupção efetiva. Tal adequação ocorre, pois acredita-se que não existem grandes diferenças qualitativas entre percepção e corrupção efetiva. À vista disso, Charron (2015) apontou que existe elevada correlação entre percepção e experiência real de corrupção a partir de uma pesquisa realizada

em países da Europa, um continente no qual se considera haver diferentes níveis de percepção da corrupção.

No que tange, especificamente, à relação entre corrupção e felicidade, a maioria dos estudos encontra relação inversa, como verificado em Satrovic, Cetiner e Muslija (2018), Yan e Wen (2020), Akkaya (2022) e Bota-Avram (2023). De acordo com tais estudos, o aumento da percepção de corrupção tende a reduzir a felicidade autorreportada dos cidadãos, pois dificulta a igualdade de oportunidades, além de prejudicar a liberdade de expressão e aumentar a sensação de injustiça.

Por outro lado, o trabalho realizado por Rojas (2020), contemplando países latino-americanos, também encontrou relação negativa entre corrupção e felicidade autorreportada, mas verificou a existência de relação positiva entre pagamentos de subornos e BES, considerando a mesma amostra. Segundo os autores, as ações corruptivas implicam em reduções de burocracia e maior facilidade no acesso a determinados serviços.

Além disso, há estudos que demonstram relação negativa entre a percepção de corrupção e a felicidade em países desenvolvidos, enquanto essa relação não é estatisticamente significativa em países em desenvolvimento (Li; An, 2019; Yan; Wen, 2020). Assim como apontado pelos autores, isso ocorre porque nos países com menor nível de renda a corrupção pode estar profundamente enraizada na sociedade, tornando-se indiscernível nas atividades cotidianas. Contudo, em países com níveis de renda mais elevados, à medida que a corrupção se torna perceptível, impactando na população, os políticos tendem a adotar medidas mais assertivas de combate à corrupção.

Diante da controvérsia verificada na literatura relativa ao tema, o presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre a percepção de práticas de corrupção, relacionadas tanto ao setor público quanto ao setor privado e à sociedade em geral, e o nível de felicidade autorreportado na América Latina.

Por abordar um fenômeno que afeta boa parte dos países em todo o mundo, este estudo

contribui com a literatura ao considerar uma amostra composta por indivíduos residentes em países latino-americanos. Nesse sentido, a referida região possui taxas relativamente elevadas de corrupção e os dados utilizados são os mais recentes possíveis, relativos a 7ª onda da World Values Survey (WVS), realizada no período 2017-2022, se diferenciando, assim, do estudo de Rojas (2020). Além disso, o trabalho pode contribuir no debate controverso existente na literatura no que tange a relação entre percepção de corrupção e felicidade autorreportada.

Para tal, além dessa seção introdutória, o trabalho se divide em mais quatro seções. Na segunda seção, são apresentadas as evidências teóricas e empíricas relacionadas ao tema, seguidas da seção metodológica, resultados e considerações finais.

2 EVIDÊNCIAS TEÓRICAS E EMPÍRICAS

Existem diversos estudos na literatura que analisam a relação entre corrupção e felicidade em países com níveis distintos de desenvolvimento econômico. Com efeito, apesar de a maior parte dos estudos encontrar relação inversa entre corrupção, mensurada principalmente por sua percepção, e felicidade, também existem autores que verificaram a existência de relação positiva, assim como outros que concluem que não existe relação estatisticamente significativa. Ademais, a literatura relativa ao tema reconhece que alguns fatores são capazes de permeiar a relação entre corrupção e felicidade autorreportada, tais como a confiança social, a qualidade da democracia dos países e o nível de renda.

Como forma de explicar a existência de relação negativa entre corrupção e felicidade, encontrada em muitos trabalhos, Rothstein (2010) aponta que instituições corruptas reduzem a confiança entre os cidadãos e fazem com que esses não confiem nos padrões morais da sociedade em que vivem e sejam mais pessimistas em relação ao futuro. Tal desconfiança tende a fazer com que os indivíduos reportem menor nível de felicidade

nos países em que consideram que a corrupção é proeminente.

Empiricamente, Yan e Wen (2020), a partir de dados da Pesquisa Social Geral Chinesa (CGSS) de 2013 e da estimação de um modelo Probit Ordenado, encontraram que a corrupção é um fenômeno que intensifica a desigualdade de renda e, portanto, é capaz de reduzir significativamente o nível de bem-estar dos cidadãos. De acordo com resultados obtidos, a corrupção reduz o bem-estar dos residentes rurais em 21,3% e dos residentes nos centros urbanos em 11,6%, pois eleva a desigualdade de renda e, conseqüentemente, reduz as chances de que os indivíduos apresentem elevados níveis de bem-estar.

Seguindo a mesma linha, Satrovic, Cetiner e Muslija (2018) avaliaram o impacto do controle da corrupção sobre a felicidade, utilizando-a como proxy para o progresso social em uma amostra formada por 59 países, durante o período que se estende entre 2007 e 2016. Por meio da estimação de um modelo econométrico com dados em painel estático e dinâmico, utilizando dados do Corruption Perceptions Index (CPI) e sobre felicidade da Word Happiness Report, os resultados encontrados indicaram que existe relação positiva e significativa, de aproximadamente 34%, do índice de corrupção sobre a felicidade autorreportada no período analisado, uma vez que quanto maior o valor do CPI, menos corrupto é o país.

Por sua vez, Boça-Avram (2023) buscou analisar o impacto da corrupção no setor público - medido pelo Corruption Perceptions Index da Transparência Internacional - sobre o bem-estar - medido pelo IDH e pelo Legatum Prosperity Index (PROSP). Utilizando uma amostra de 132 países no período de 2013 a 2020, a análise englobou países classificados como economias de renda elevada, média-alta e baixa. Em termos gerais, os resultados obtidos por meio da estimação de um modelo com dados em painel com Efeitos Fixos indicaram a existência de relação inversa entre corrupção e bem-estar, tanto para a amostra completa quanto para os países com menor nível de renda. Adicionalmente, os resultados do

PROSP também apontaram que existe relação significativa em relação a amostra total e para todas as subamostras (países de renda elevada, média e baixa).

O estudo de Akkaya (2022) considera que a liberdade econômica permeia a relação entre corrupção e felicidade. O autor define liberdade econômica como a ausência de intervenção pública restritiva ou coercitiva na produção, distribuição ou consumo de bens e serviços. Para o estudo, foram analisados dados de 150 países entre os anos de 2012 e 2020, a partir das bases de dados do World Happiness Report (WHR), do Corruption Perceptions Index e o Índice de Liberdade Econômica (ILE). Por meio do Teste de Sobel, constatou-se que existe relação negativa entre percepção de corrupção e felicidade; e que além disso, a liberdade econômica tem efeito mediador nessa relação, de modo que o aumento em uma unidade na liberdade econômica, isto é, de que os indivíduos tenham o direito de fazer o que quiserem legalmente com seus ganhos e ativos privados, está relacionado a elevação de 44,4% no nível de felicidade nacional.

Por outro lado, o trabalho já mencionado de Rojas (2020), que contempla países latino-americanos, verificou a existência de relação inversa entre corrupção e felicidade. Utilizando dados do Latinobarômetro, o autor constatou que os países latino-americanos que possuem percepções de corrupção mais elevadas também experimentam menor nível de satisfação com a vida. Assim, indivíduos com maior nível de percepção da corrupção reportam satisfação com a vida que é, em média, 0,26 pontos inferior (numa escala de 1 a 4) em relação àqueles que têm percepção de corrupção mais reduzida. No entanto, quando são analisados os pagamentos de subornos, os residentes de alguns países reportaram menor nível de BES e outros relataram nível de bem-estar mais elevado, já que a corrupção pode facilitar o acesso a determinados serviços e reduzir a burocracia.

A partir de dados do Quality of Government (QOG) para 126 países no ano de 2014, Li e An (2019) analisaram o impacto da corrupção no bem-estar subjetivo por meio da estimação de um modelo de Mínimos Quadrados Ordinários

(MQO). Os resultados apontaram que a média nacional de bem-estar subjetivo cairia 0,23 ponto percentual (p.p.) se um governo se tornasse mais corrupto em 10 p.p. Contudo, ao agrupar os países conforme o nível de renda, observou-se que o coeficiente de corrupção é significativo apenas em países com nível de renda mais elevado, devido à forma como a corrupção enraizou-se nos países com menor nível de renda, fazendo com que seus efeitos sejam negligenciados.

Esse último resultado é verificado em alguns trabalhos similares, onde o nível de renda do país permeia a relação entre corrupção e felicidade. Nesse sentido, Arvin e Lew (2014) se propuseram a analisar se a possível relação existente entre corrupção e felicidade era dependente do nível de renda dos países. Os autores utilizaram dados em painel de países desenvolvidos e em desenvolvimento, considerando o período 1996-2010, valendo-se de dados da World Database of Happiness, dos Indicadores Mundiais de Governança e do Índice de Percepção da Corrupção. Os autores estimaram o efeito marginal da corrupção na felicidade, por meio de um modelo de MQO, considerando cada uma das bases de dados, controlando os níveis do PIB real per capita. Os resultados apontaram que a corrupção reduz a felicidade, mas apenas em países com níveis de renda elevados, sendo indiscernível em países com menores níveis de renda, visto que as práticas da corrupção estão enraizadas na sociedade e seus efeitos acabam sendo minorados pela população.

De maneira similar, Altindag e Xu (2016) estimaram a influência da renda per capita e dos fatores institucionais na satisfação com a vida, utilizando dados de 200.000 indivíduos de 74 países. O nível de bem-estar subjetivo foi construído com base nas respostas dos indivíduos à pergunta “Considerando tudo, quão satisfeito você está com sua vida como um todo atualmente?”. Com efeito, a estimação realizada por meio de um Probit Ordenado indicou que fatores institucionais, como extensão da democracia, direitos civis e o baixo nível de corrupção, diminuem o bem-estar relatado de

indivíduos que vivem em países com nível de renda mais elevado, em cerca de 1,6%, mas tal relação não foi significativa para os países pobres. Segundo os autores, isso ocorre porque os residentes dos países com nível de renda mais baixo valorizam mais o crescimento econômico do que a qualidade de suas instituições.

3 METODOLOGIA

A seção metodológica do presente estudo é subdividida em duas subseções. Mormente, tratar-se-á sobre as características da base de dados utilizada e a justificativa para sua utilização; em seguida, apresenta-se o modelo econométrico a ser estimado, bem como a justificativa para sua escolha e as variáveis inseridas.

3.1 Base de dados

Os dados utilizados no estudo têm como fonte a World Values Survey (WVS), que é um programa internacional de pesquisas que busca avaliar o impacto dos mais diversos tipos de transformações no desenvolvimento social, político e econômico dos países. As pesquisas sociais realizadas pela WVS são comparativas e conduzidas ao redor do mundo a cada cinco anos, as denominadas ondas (WVS, 2023).

Em virtude da grande abrangência de dados e da disponibilização gratuita do conteúdo, os dados da WVS são amplamente utilizados pelas ciências sociais aplicadas. Os questionários aplicados pela WVS são baseados na autoavaliação que os indivíduos fazem de suas próprias vidas. Apesar da exposição ao risco de influências de sentimentos pouco consistentes e limitados, Frey (2008) ressalta a tradição da teoria econômica em confiar nos dados dessa natureza, o que permite considerar que as informações relacionadas a autoavaliação são consistentes.

A última pesquisa realizada – utilizada no presente estudo –, também denominada “7ª onda”, se estendeu pelo período de 2017 a 2022, sendo conduzida, a cada ano, em determinado grupo de países, contando com o total de 64

países participantes, sendo a maioria analisada antes da pandemia da Covid-19. Os dados que compõem a amostra do presente trabalho correspondem às repostas dos cidadãos residentes no grupo de países latino-americanos¹, contemplados pela WVS no período mencionado.

3.2 MODELO ECONOMÉTRICO

Para mensurar os efeitos da percepção da corrupção na felicidade autorreportada pela população latino-americano no período 2017-2022, o presente estudo utiliza um modelo econométrico Probit Ordenado, que é indicado para analisar variáveis dependentes discretas e qualitativas, que podem assumir mais de duas formas. Diferentemente dos modelos binomiais, o Probit ordenado é um modelo multinomial que, como o próprio nome sugere, permite que as respostas obtidas sejam ordenadas.

Nesse contexto, a pergunta a respeito da felicidade no questionário da WVS permite ao entrevistado indicar sua autopercepção a partir de quatro categorias, onde os indivíduos podem ser considerar infelizes, não muito felizes, felizes e muito felizes. Dessa forma, a possibilidade de ordenamentos das repostas da variável dependente sugere a utilização do modelo Probit Ordenado.

Convencionalmente, a fim de proporcionar melhor interpretação estatística, considera-se na estimação do modelo que quanto mais elevado o status de felicidade, maior o valor atribuído a variável. Logo, a variável felicidade assume os seguintes valores: 4, caso os indivíduos se considerem muito felizes; 3, caso os indivíduos se considerem felizes; 2, caso os indivíduos se considerem não muito felizes; e 1, caso os indivíduos se considerem infelizes.

Além disso, é importante destacar que os parâmetros estimados pelo modelo indicam a direção da relação entre as variáveis explicativas e a variável dependente, mas as magnitudes dessa relação são dadas pelos valores dos efeitos marginais obtidos, como apontado mais adiante.

Na equação estimada para o presente estudo, apresentada abaixo, a variável dependente, felicidade, varia de 1 a 4, sendo que quanto mais elevado seu valor, maior o nível de bem-estar autorreportado, como supracitado. Além disso, nessa equação são apresentadas as variáveis explicativas inseridas no modelo, com destaque para Corrupttransp, que aponta o nível de percepção de corrupção autorreportado.

$$\begin{aligned} \text{Felicidade} = & \alpha + \beta_{1i}\text{Corrupttransp} + \beta_{2i}\text{Classe2} + \beta_{3i}\text{Classe3} + \beta_{4i}\text{Educ2} \\ & + \beta_{5i}\text{Educ3} + \beta_{6i}\text{Saúde_boa} + \beta_{7i}\text{Saúde_ruim} + \beta_{8i}\text{Saúde_muito_ruim} + \\ & \beta_{9i}\text{Casado} + \beta_{10i}\text{ildade} + \beta_{11i}\text{ildade}^2 + \beta_{12i}\text{Urbano} + \beta_{13i}\text{Sexo} + \mu_i \end{aligned} \quad (1)$$

Onde i representa cada um dos indivíduos que compõem a amostra e μ_i o termo de erro.

A seguir, no Quadro 1, na próxima página, são apresentadas as variáveis inseridas no modelo econométrico Probit Ordenado, selecionadas com base na literatura que abrange o tema, além de suas descrições e sinais esperados para a relação com a variável dependente.

¹Países latino-americanos contemplados pela “7ª Onda” da WVS: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Nicarágua, Peru, Uruguai e Venezuela. Quadro 1: Variáveis inseridas na estimação do modelo econométrico Probit Ordenado

Quadro 1 - Variáveis inseridas na estimação do modelo econométrico Probit Ordenado

Categoria	Variável	Descrição	Relação esperada com a variável dependente
Felicidade	Felicidade	Varia de 1 a 4, assumindo valor igual a 1 caso o entrevistado se autorreporte infeliz e 4, caso o entrevistado se autorreporte muito feliz.	-
Corrupção	Corrupttransp	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o entrevistado percebe a corrupção no país em nível de escala de 5 a 10 e 0, caso o nível percebido seja de 1 a 4.	Ambíguo
Classe social	Classe 1	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o entrevistado tenha se declarado pertencente a classe social baixa/média baixa e 0, caso contrário.	(Referência)
	Classe 2	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o entrevistado tenha se declarado pertencente a classe social média e 0, caso contrário.	Positivo
	Classe 3	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o entrevistado tenha se declarado pertencente a classe social média alta/alta e 0, caso contrário.	Positivo
Escolaridade	Educ1	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo tenha concluído no máximo o ensino fundamental; e 0, caso contrário.	(Referência)
	Educ2	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo tenha concluído no máximo o ensino médio; e 0, caso contrário.	Positivo
	Educ3	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo tenha concluído o ensino superior; e 0, caso contrário.	Positivo
Idade	Varia de 15-65 anos, considerando a População Economicamente Ativa (PEA).	Idade dos indivíduos	Negativo
Idade2	-	Idade dos indivíduos ao quadrado	Positivo
Localidade em que vive	Urbano	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se indivíduo reside em meio urbano; e 0 se mora no meio rural.	Ambíguo
Saúde	Saúde muito boa	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se indivíduo declarou ter saúde muito boa; e 0, caso contrário.	(Referência)
	Saúde boa	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se indivíduo declarou ter saúde boa; e 0, caso contrário.	Negativo

Continua na próxima página

Continuação do Quadro 1

Categoria	Variável	Descrição	Relação esperada com a variável dependente
Saúde	Saúde razoável	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se indivíduo declarou ter saúde razoável; e 0, caso contrário.	Negativo
	Saúde ruim	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se indivíduo declarou ter saúde ruim; e 0, caso contrário.	Negativo
	Saúde muito ruim	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se indivíduo declarou ter saúde muito ruim; e 0, caso contrário.	Negativo
	-	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo é casado; e 0 caso contrário.	Positivo
	Masculino	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo é do sexo masculino; e 0 se é do sexo feminino.	Positivo
Casado			
Sexo			

Fonte: Elaboração própria.

A principal variável explicativa do estudo, *Corrupttransp*, é uma *dummy* referente à percepção de corrupção dos indivíduos em cada um dos países latino-americanos considerados na amostra. Especificamente, o entrevistado é questionado quanto a escala de corrupção em seu país de 1 a 10, onde 1 significa que não há corrupção e 10 que há corrupção abundante. Caso o indivíduo reporte valores maiores ou iguais a 5 para a escala de corrupção, a variável assume valor igual a 1 e se o entrevistado apontar valores entre 1 e 4, ela assume valor igual a 0.

Em termos de sinal esperado, este é ambíguo. Como evidenciado por Sulemana (2015), a corrupção pode reduzir a satisfação com a vida, devido ao seu potencial para restringir investimentos, distorcer os gastos do governo e agravar a desigualdade de renda. A partir dessa constatação, a expectativa seria de sinal negativo.

No entanto, também existem estudos na literatura que apontam a existência de relação positiva entre corrupção e bem-estar subjetivo. Nesse caso, a corrupção seria capaz de reduzir burocracias e facilitar o acesso a determinados serviços (Rojas, 2020). Além disso, alguns trabalhos encontram significância estatística apenas para determinados níveis de renda, onde a corrupção reduz o BES nos países com nível de renda mais elevado, mas é incapaz de influenciá-lo nos países mais pobres, devido à forma como a corrupção está enraizada nessas sociedades (Li; An, 2019; Altindag; Xu, 2016).

Quanto às demais variáveis explicativas, aquelas que indicam a classe de renda autorreportada foram incluídas a partir de *dummies* que se baseiam no questionamento sobre qual categoria o indivíduo considera pertencer: classe alta, classe média ou classe baixa. Nesse contexto, na variável “Classe 1” foram agrupadas as categorias “Classe média baixa” e “Classe baixa”, assim como a “Classe 3” engloba as categorias “Classe média alta” e “Classe alta”, em virtude da proximidade das condições de vida dos grupos pertencente a tais classes sociais. Já a “Classe 2” se refere

apenas à categoria “Classe média”. Conforme observado na literatura, quanto mais elevada a classe social à qual o indivíduo pertence, maior tende a ser a felicidade autorreportada (Diener, 1993; Campetti; Alves, 2015). Nesse contexto, espera-se sinal positivo para as variáveis Classe 2 e Classe 3, tendo como base Classe 1, que é a dummy referente a quem pertence às classes baixa e média baixa.

Para as dummies de escolaridade, foram considerados os ciclos concluídos pelos entrevistados, que corresponde ao maior grau de instrução obtido pelos indivíduos entre ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior. Neste caso, a variável Educ1 agrupa os entrevistados que não frequentaram a escola e os que atingiram, no máximo, o ensino fundamental completo, e que foram utilizados como referência no modelo estimado. Já as variáveis Educ2 e Educ3 levam em consideração, respectivamente, os indivíduos que concluíram até o ensino médio e ensino superior. Assim, espera-se que a análise por ciclos de ensino aponte que quanto mais escolarizados forem os indivíduos, maior seja a felicidade autorreportada (Helliwell; Putnam, 2004).

No que se refere à variável de idade, são considerados neste estudo indivíduos em idade economicamente ativa – compreendida entre 15 e 65 anos. Além disso, emprega-se também a variável idade elevada ao quadrado, idade2, em virtude do comportamento “em formato de U” normalmente apontado pela literatura no que tange a relação entre idade e felicidade (Easterlin, 2006; Helliwell et al., 2012), sugerindo que os indivíduos apontam serem mais felizes no início e no final de suas vidas (Easterlin, 2006). Desse modo, espera-se que a variável idade apresente relação negativa com a felicidade autorreportada e que a relação seja positiva com a idade elevada ao quadrado.

Quanto ao meio em que o entrevistado reside, a variável dummy considerada assume valor igual a 1 se o local de moradia for urbano e 0 se for rural. O sinal esperado, de acordo com a literatura, é ambíguo, pois existem trabalhos que evidenciaram que indivíduos residentes no meio urbano são, em geral, menos felizes

em relação aos moradores do meio rural, pois viver em grandes centros urbanos pode reduzir a satisfação com a vida, devido ao elevado custo de vida (Graham; Felton, 2006). Por outro lado, Hayo (2004) sugere que residir no meio urbano eleva as chances de que os indivíduos se autorreportem mais felizes, o que se deve à maior facilidade de acesso a bens e serviços.

Outrossim, foram incluídas variáveis dummies relativas ao estado de saúde autorreportado pelos entrevistados. O estado de saúde pode assumir cinco diferentes condições, sendo elas: saúde muito boa, saúde boa, saúde razoável, saúde ruim ou saúde muito ruim. Em conformidade com os estudos existentes, tal como Rodrigues e Silva (2010) e Helliwell e Putnam (2004), utiliza-se como referência a condição de saúde muito boa, e assim, espera-se que as demais dummies apresentem sinais negativos, em virtude da considerável influência que o estado de saúde exerce sobre a percepção de felicidade individual.

Além disso, também foi inserida uma dummy para o estado civil reportado pelo entrevistado, que assume valor igual a 1 caso o indivíduo seja casado e 0, caso contrário. Nesse sentido, espera-se encontrar relação positiva entre estar casado(a) e felicidade autorreportada, em conformidade com a maior parte da literatura, uma vez que tais pessoas costumam ter atitudes mais positivas e otimistas em relação a vida (Helliwell; Putnam, 2004; Ribeiro, 2015).

Por fim, foi considerada a variável dummy relativa ao sexo do entrevistado, que assume valor igual a zero caso esse se considere do sexo feminino e 1 caso o indivíduo seja do sexo masculino. A maior parte dos trabalhos sugere que os homens tendem a reportar maior nível de felicidade que as mulheres (Corbi; Menezes-Filho, 2006; Lima, 2007), pois apresentam autoestima mais elevada e maior capacidade de regulação das emoções (Freire; Tavares, 2011). Espera-se, portanto, obter relação positiva entre a variável de sexo e felicidade autorreportada. Por fim, é importante ressaltar que na estimação do modelo econométrico são considerados os pesos amostrais.

4 RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos no trabalho, sendo divididos em duas subseções. Na primeira, é apresentada a análise descritiva da amostra, enquanto a segunda expõe os resultados econométricos.

4.1 Análise descritiva

Com o intuito de conhecer as principais características da amostra considerada no estudo, esta subseção apresenta a análise descritiva dos dados. A Tabela 1, abaixo, aponta os países que compõem a amostra e ano em que a pesquisa foi realizada em cada um deles, bem como a frequência e o percentual que cada país representa da amostra.

Tabela 1 - Composição da amostra por países considerados

País – (Ano)	Frequência	Percentual
Argentina (2017)	827	6,19
Bolívia (2017)	1.806	13,52
Brasil (2018)	1.425	10,67
Colômbia (2018)	1.400	10,48
Equador (2018)	1.084	8,11
Guatemala (2020)	1.085	8,12
México (2018)	1.450	10,85
Nicaragua (2020)	1.170	8,76
Peru (2018)	1.281	9,59
Uruguai (2022)	720	5,39
Venezuela (2021)	1.111	8,32
Total	13.359	100,00

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados da Tabela 1, verificou-se que indivíduos residentes da Argentina e Bolívia foram entrevistados em 2017 (19,71%), enquanto no Brasil, Colômbia, Equador, México e Peru os entrevistados participaram da pesquisa no ano de 2018 (49,70%). Já Guatemala e Nicarágua, as entrevistas aconteceram em 2020 (16,88%), na Venezuela em 2021 (8,32%) e no Uruguai em 2022 (5,39%), totalizando 13.359 indivíduos entrevistados.

Além disso, a Tabela 2, apresentada a seguir, denota a média, desvio padrão, além dos valores mínimo e máximo assumidos pelas variáveis consideradas na estimação do modelo econométrico.

Em relação ao nível de felicidade autorreportado, verifica-se que a média para os indivíduos considerados na amostra foi de 3,30, valor relativamente elevado, já que a variável está em um intervalo de 1 a 4. Segundo Rojas (2020), é possível afirmar que, em média, os indivíduos latino-americanos estão mais satisfeitos com suas vidas em comparação com os residentes de outras regiões do mundo, mesmo naquelas consideradas altamente desenvolvidas. Isso se deve ao fato de que os latino-americanos consideram experimentar elevados níveis de afetos positivos, como sorrir frequentemente, aprender constantemente e descansar (Rojas, 2020).

Tabela 2 - Estatísticas descritivas das variáveis

Variável	Observações	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Felicidade	13.359	3,3008	0,7338	1	4
Corrupttransp	13.359	0,9524	0,2129	0	1
Classe1	13.359	0,4094	0,4917	0	1
Classe2	13.359	0,5790	0,4937	0	1
Classe3	13.359	0,0116	0,1071	0	1
Saúde_muito_boa	13.359	0,2130	0,4095	0	1
Saúde_boa	13.359	0,4738	0,4993	0	1
Saúde_razoável	13.359	0,2824	0,4502	0	1
Saúde_ruim	13.359	0,0267	0,1613	0	1
Saúde_muito_ruim	13.359	0,0041	0,0640	0	1
Idade	13.359	37,1914	13,6788	16	65
Idade ²	13.359	1.570,2970	1.095,6140	256	4225
Educ1	13.359	0,3314	0,4707	0	1
Educ2	13.359	0,4056	0,4910	0	1
Educ3	13.359	0,2630	0,4403	0	1
Casado	13.359	0,5606	0,4963	0	1
Urbano	13.359	0,7715	0,4199	0	1
Sexo	13.359	0,4764	0,4995	0	1

Fonte: Elaboração própria.

Concomitantemente, cerca de 95% da amostra considera que os países possuem nível considerável de corrupção. Apesar de não se tratar de uma característica recente da América Latina, a midiaticização e visibilidade de atividades corruptas, nos últimos anos, têm elevado a desconfiança nas instituições democráticas latino-americanas (Santos et al., 2022).

Ademais, por meio da Tabela 2 é possível verificar que o cidadão representativo da América Latina pertence às classes sociais 2 e 3, reporta dispor de um bom estado de saúde, tem em média 37 anos, finalizou no máximo o ensino médio, é casado, reside no meio urbano e é do sexo feminino.

A seguir, a Tabela 3 apresenta a média e o desvio padrão da percepção de corrupção para cada um dos países latino-americanos que compõem a amostra. Como se trata da média de uma dummy, os resultados correspondem à porcentagem da amostra que considera viver em um país relativamente corrupto. Com base nos resultados expostos, foi possível observar que a percepção de corrupção é consideravelmente elevada nos países analisados, sendo a Nicarágua aquele que apresenta o menor nível de percepção da corrupção, onde aproximadamente 84% da população considera viver em um país relativamente corrupto. Por outro lado, os residentes do Peru são os que relatam maior nível de corrupção percebida, dado que cerca de 98,7% da população considera o país relativamente corrupto.

Tabela 3 - Média de percepção de corrupção por país considerado na amostra

Pais	Média	Desvio padrão
Argentina	0,9770	0,0052
Bolívia	0,9518	0,0050
Brasil	0,9677	0,0047
Colômbia	0,9779	0,0039
Equador	0,9612	0,0059
Guatemala	0,9797	0,0043
México	0,9476	0,0058
Nicarágua	0,8402	0,0107
Peru	0,9867	0,0032
Uruguai	0,8944	0,0115
Venezuela	0,9703	0,0051

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, a Tabela 4, abaixo, apresenta média e desvio padrão da felicidade autorreportada

pelos indivíduos residentes nos países considerados na amostra. É possível notar que os indivíduos residentes nos países analisados reportam elevados níveis de felicidade, sendo o menor nível relatado na Bolívia (3,11) e o maior no México (3,51), considerado uma escala que varia de 1 a 4.

Tabela 4 – Média de felicidade autorreportada por país considerado na amostra

País	Média	Desvio padrão
Argentina	3,2007	0,0223
Bolívia	3,1141	0,0194
Brasil	3,1677	0,0163
Colômbia	3,4614	0,0191
Equador	3,5065	0,0215
Guatemala	3,3954	0,0208
México	3,5096	0,0171
Nicarágua	3,3376	0,0225
Peru	3,1842	0,0204
Uruguai	3,3542	0,0239
Venezuela	3,1422	0,0244

Fonte: Elaboração própria.

Complementarmente, na Tabela 5, a seguir, é apresentada a média da variável de felicidade autorreportada condicionada à variável de percepção da corrupção, onde é perceptível que a referida média pouco difere da condição relativa à percepção de corrupção dos indivíduos. Desse modo, verifica-se que a média da felicidade para países relativamente corruptos é 3,30, enquanto para os países menos corruptos é de 3,27.

Tabela 5 - Média da felicidade autorreportada condicionada à percepção de corrupção

Percepção de corrupção	Média	Desvio Padrão
0	3,2673	0,0309
1	3,3024	0,0065

Fonte: Elaboração própria.

Posto isso, a análise indica que não existem diferenças significativas em relação ao nível de bem-estar dos cidadãos em países mais ou menos corruptos. Esse resultado dá indícios de uma possível inexistência de relação entre percepção de corrupção e felicidade autorreportada, que vai ser atestada na próxima subseção, quando são apresentados os resultados econométricos.

4.2 Resultados econométricos

A fim de verificar a relação entre percepção da corrupção e felicidade autorreportada pelos indivíduos latino-americanos, a Tabela 6, abaixo, apresenta os resultados obtidos por meio da estimação do modelo Probit Ordenado, considerando erros padrão robustos. Além dos coeficientes estimados, também são apresentados os efeitos marginais, que são passíveis de interpretação

estatística, em relação à categoria mais elevada da variável dependente – “muito feliz”.

Como forma de atestar a robustez dos resultados, três estimações foram realizadas. A primeira é referente apenas à variável relativa à percepção de corrupção. Na segunda, além da referida variável, são inseridos os controles relativos à classe social e estado de saúde autorreportados. Por fim, na terceira estimação, tem-se o modelo completo, que é aquele cujos efeitos marginais são analisados. Diante disso, é importante salientar que os resultados, particularmente, relativos à proxy de corrupção autorreportada apresenta resultados robustos, já que os coeficientes não são estatisticamente significativos nas três estimações. Ademais, para atestar a validade do modelo a ser analisado (Especificação 3), foi realizado o teste de Wald para verificar a hipótese nula de que todos os coeficientes serem zero. O resultado rejeitou a hipótese nula, indicando que o modelo Probit Ordenado se ajusta bem aos dados.

Tabela 6 - Resultados econométricos

Variáveis		Especificação 1	Especificação 2	Especificação 3	Efeitos Marginais (Relativos à categoria mais elevada de felicidade)
Corrupttransp	Coeficiente	0,0189 ^{NS}	0,0265 ^{NS}	0,0613 ^{NS}	0,0225 ^{NS}
	P-valor	0,708	0,604	0,209	0,209
	Desvio Padrão	(0,0503)	(0,0511)	(0,0488)	(0,0179)
Classe2	Coeficiente		0,1391***	0,1275***	0,0469***
	P-valor		0,000	0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0209)	(0,0217)	(0,0079)
Classe3	Coeficiente		0,5818***	0,5879***	0,2160***
	P-valor		0,000	0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,1152)	(0,1157)	(0,0424)
Saúde_boa	Coeficiente		-0,4874***	-0,4947***	-0,1818***
	P-valor		0,000	0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0280)	(0,0281)	(0,0099)
Saúde_razoável	Coeficiente		-0,9265***	-0,9375***	-0,3445***
	P-valor		0,000	0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0316)	(0,0321)	(0,0106)
Saúde_ruim	Coeficiente		-1,4936***	-1,4804***	-0,5440***
	P-valor		0,000	0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0772)	(0,0777)	(0,0275)
Saúde_muitoruim	Coeficiente		-1,4513***	-1,4102***	-0,5182***
	P-valor		0,000	0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,1849)	(0,1864)	(0,0681)
Idade	Coeficiente			-0,0132**	-0,0049**
	P-valor			0,010	0,010
	Desvio Padrão			(0,0051)	(0,0019)
Idade²	Coeficiente			0,0001**	0,0001**
	P-valor			0,023	0,023
	Desvio Padrão			(0,0001)	(0,0000)
Educ2	Coeficiente			0,0536**	0,0197**
	P-valor			0,034	0,034
	Desvio Padrão			(0,0252)	(0,0093)

Continua na próxima página

Continuação da Tabela 6

Variáveis	Especificação 1	Especificação 2	Especificação 3	Efeitos Marginais (Relativos à categoria mais elevada de felicidade)
Educ3	Coefficiente		0,1054***	0,0387***
	P-valor		0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0288)	(0,0106)
Casado	Coefficiente		0,1855***	0,0682***
	P-valor		0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0226)	(0,0082)
Sexo	Coefficiente		-0,0285 ^{NS}	-0,0105 ^{NS}
	P-valor		0,000	0,000
	Desvio Padrão		(0,0204)	(0,0075)
Urbano			-0,1378***	-0,0506***
			0,164	0,164
			(0,0249)	(0,0091)
	Wald chi2	0,14	1170,54	1272,22
	Prob > chi2	0,7078	0,0000	0,0000
	Número de Observações	13,359	13,359	13,359
	Pseudo R ²	0,0000	0,0518	0,0561

Fonte: Elaboração própria.

Nota: ***p<0.001, **p<0.05, *p<0.1. Os valores entre parênteses representam os erros padrão.

A partir dos resultados obtidos, verifica-se que não há relação estatisticamente significativa entre percepção da corrupção e felicidade autorreportada pelos indivíduos residentes nos países latino-americanos, assim como indicado na análise descritiva. A partir da literatura relacionada ao tema, esse resultado obtido pode ser consequência de diversos fatores, como por exemplo, a complexa definição de corrupção, que pode variar de acordo com as concepções de cada indivíduo e do meio no qual ele está inserido; além da maior preocupação com o nível de renda agregada e a falta de exemplos de condutas íntegras (Li e An, 2019; Arvin e Lew, 2014).

Além disso, o resultado encontrado é similar àquele verificado por Altindag e Xu (2016), Li e An, (2019) e Yan e Wen (2020). Nesses estudos, os autores apontaram que a corrupção não é capaz de reduzir o nível de bem-estar nos países em desenvolvimento, como é o caso dos países latino-americanos, uma vez que esses cidadãos se preocupam mais com o crescimento da renda agregada do que com a qualidade das instituições.

Outrossim, outro fator que pode explicar esse resultado é o fato de que os cidadãos latino-americanos, por viverem em sociedades que historicamente são marcadas por atividades corruptas, tornam-se incapazes de discernir os efeitos maléficos de tais práticas sobre seu bem-estar, visto que não possuem exemplos de condutas íntegras, que sirvam como base de comparação. Por conseguinte, esses indivíduos tendem a se adaptar ao fenômeno da corrupção e seus custos, tratando-os como uma ocorrência comum (Graham, 2010).

Quanto às demais variáveis de controle consideradas, todas apresentaram-se significativas aos níveis de 1% ou 5% de significância, com exceção da variável sexo, o que será discutido no decorrer desta subseção. Posto isso, as variáveis relativas às classes sociais pelas quais os indivíduos consideram pertencer apresentaram relação positiva com felicidade autorreportada, sendo Classe 1 a variável utilizada como referência. Logo, conclui-se que quanto mais elevada classe social reportada pelo indivíduo, maior tende a ser sua percepção de felicidade. Em termos formais, pertencer às classes sociais 2 ou 3 eleva a probabilidade de os indivíduos se autorreportarem muito felizes em

4,6% e 21,6%, respectivamente.

Tal resultado está de acordo com o que é verificado na literatura, uma vez que maiores níveis de renda e, portanto, o pertencimento a uma classe social mais elevada, asseguram o acesso a serviços básicos de sobrevivência, proporcionando maior acesso a lazer e melhores oportunidades de desenvolvimento pessoal. Além disso, Islam, Wills-Herrera e Hamilton (2009) apontam que o efeito da renda sobre o bem-estar individual ocorre, dentre outros motivos, por meio da comparação entre a própria possibilidade de consumo e as possibilidades médias de consumo observadas na sociedade, pois a concepção de poder aquisitivo adequado é relativizada.

Destarte, as variáveis dummies de saúde também se comportaram conforme esperado, tendo como referência a dummy relativa ao estado de saúde muito bom. Assim, de acordo com os resultados encontrados, possuir estado de saúde muito ruim, ruim, razoável e bom reduz a probabilidade de que os indivíduos reportem estarem muito felizes em cerca de 51,8%, 54,4%, 34,4% e 18,2%, respectivamente, em relação a base, que é possuir estado de saúde muito bom. Nesse sentido, segundo Salovey et al. (2000), problemas com a saúde física/psicológica tendem a fragilizar o sistema imunológico e promover menores sensações positivas de bem-estar.

No que se refere à idade dos indivíduos, os resultados encontrados confirmam a relação em formato de U, sendo idade e idade2 significativas a 5% de significância. Dessa forma, a variável idade se relaciona negativamente com a variável dependente, enquanto idade2 apresenta relação negativa, com efeito marginal próximo de zero, assim como relatado por Blanchflower e Oswald (2008) e Helliwell (2003). Desse modo, as chances de que um indivíduo se autorreporte como muito feliz é reduzida ao longo da vida, atingindo um nível mínimo e voltando a crescer nos anos finais da vida.

Quanto às dummies de educação, Educ2 e Educ3 foram estatisticamente significativas e apresentaram relação positiva com a felicidade autorreportada. Isso significa que indivíduos

que concluíram o ensino médio e ensino superior possuem, respectivamente, 1,9% e 3,8% de chances de se considerarem muito felizes em relação a quem alcançou no máximo o ensino fundamental. De acordo com Helliwell (2003), um maior nível de escolaridade permite que o indivíduo desenvolva maiores conexões e integração social, o que está diretamente ligado a maior satisfação com a vida.

No que se refere à variável Casado, o resultado indica que ser casado(a) eleva a probabilidade de que o indivíduo se reconheça como muito feliz em cerca de 6,8%. Para Stutzer e Frey (2004), o casamento é um dos eventos mais importantes capazes de influenciar a vida e o bem-estar de uma pessoa. Nesse sentido, alguns trabalhos evidenciam que a solidão pode muitas vezes implicar em laços sociais e comunitários mais frágeis, pois é ao parceiro que se recorre primeiro para obter assistência instrumental e emocional (Hollinger; Haller, 1990).

Por fim, residir no meio urbano tende a reduzir a probabilidade de que o indivíduo se autorreporte como muito feliz em cerca de 5,1% em relação a quem vive no meio rural. Esse resultado vai ao encontro daquele encontrado por Graham e Felton (2006), que sugerem que os menores custos de vida no meio rural estão relacionados a maiores níveis de bem-estar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos desenvolvidos na área da Economia da Felicidade fornecem uma gama de instrumentos que propiciam a análise de fatores associados ao bem-estar subjetivo dos indivíduos, medido por suas próprias percepções de felicidade. Nesse sentido, o presente estudo se dedicou a analisar a relação da percepção de corrupção – seja ela na esfera pública, privada ou na sociedade em geral – e a autopercepção da felicidade individual. A partir de dados da 7ª onda da pesquisa transnacional da World Values Survey, realizada entre os anos de 2017 e 2022, estimou-se um modelo Probit Ordenado, a fim de se determinar como a percepção de corrupção se relaciona com a probabilidade

de que os indivíduos latino-americanos se reconheçam como muito felizes.

Sob esse aspecto, os resultados demonstraram que a percepção de corrupção não é capaz de afetar a felicidade autorreportada na América Latina, chamando a atenção para a forma como a corrupção está enraizada nessas sociedades, ao tornar-se indiscernível na vida cotidiana da população que possui menor nível de renda - como é o caso da população latino-americana.

No que diz respeito às demais variáveis de controle, todas, com exceção da variável Sexo foram estatisticamente significativas para explicar as chances de que os indivíduos latino-americanos se autorreportem como muito felizes. Nesse sentido, indivíduos com melhor estado de saúde, mais escolarizados, casados, residentes do meio rural e com menos idade tendem a relatar maior nível de bem-estar.

Assim, é importante ressaltar que os resultados encontrados no presente estudo corroboram para a necessidade de combate à corrupção, particularmente na América Latina, onde seu elevado nível ao longo do tempo, possivelmente, gerou banalização do fenômeno, não causando impacto no bem-estar autorreportado pela população. No entanto, entre outras consequências negativas, desvia recursos de áreas prioritárias, como educação e saúde, que são fundamentais no processo de desenvolvimento econômicos de qualquer país.

Por fim, é importante ressaltar que o trabalho apresenta como principal limitação o fato de que a pesquisa foi conduzida em diferentes anos em cada grupo de países, sendo que, no caso da 7ª onda da WVS, parte do questionário foi aplicado no período pandêmico. Sugere-se para futuras pesquisas que sejam realizadas análises longitudinais, considerando-se os mesmos indivíduos ou aqueles com características similares ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

AKKAYA, B. The Mediator Role of Economic Freedom in the Effect of Corruption Perception on National Happiness: A Case of World Countries. **Izmir Journal of Economics**, v. 37, p. 760-777, 2022.

ALTINDAG, D. T.; XU, J. Life Satisfaction and Preferences over Economic Growth and Institutional Quality. **Journal of Labor Research**, v. 38, n. 1, p. 100-121, 2016.

ARVIN, M.; LEW, B. Does income matter in the happiness-corruption relationship? **Journal of Economic Studies**, 41, ed. 3, p. 469-490, 2014.

AYDOS, L. R.; FIGUEIREDO NETO, L. F.; TEIXEIRA, W. M. Análise dos determinantes do nível de felicidade subjetiva: uma abordagem local. **Interações**, v. 18, p. 137-150, 2016.

BELLO E VILLARINO, J. M. Measuring Corruption: A Critical Analysis of the Existing Datasets and Their Suitability for Diachronic Transnational Research. **Social Indicators Research**, v. 157, n. 2, p. 709–747, 2021.

BLANCHFLOWER, D. G., OSWALD, A. J. Hypertension and happiness across nations. **Journal of Health Economics**, v. 27, n. 2, p. 218–233, 2008.

BOTA-AVRAM, C. The Impact of Corruption on Human Well-Being Within an Economic Framework: Evidence from a Cross-National Study. *In*: ACHIM, M. V. **Economic and Financial Crime, Sustainability and Good Governance**. [S. l.: s. n.], 2023. cap. 6, p. 127-150. E-book (406 p.), 2023.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P. E.; RODGERS, W. L. (1976). **The Quality of American Life: Perceptions, Evaluations, and Satisfactions**. Russell Sage Foundation.

CAMPETTI, P. H. M.; ALVES, T. W. Economia da Felicidade: Estudo empírico sobre os determinantes da felicidade em países selecionados da América Latina. **Revista Pesquisa e Debate**, v. 26, n. 1, p. 99-123, 2015.

CHARRON, N. Do corruption measures have a perception problem? Assessing the relationship between experiences and perceptions of corruption among citizens and experts. **European Political Science Review**, v. 1, n. 1, p. 1–25, 2015.

CORBI, R. B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 4, p. 518-536, 2006.

DIENER, E.; SUH, E. M.; LUCAS, R. E.; SMITH, H. L. Subjective Well-Being: Three Decades of Progress. **American Psychological Association**, v. 125, n. 2, p. 276-302, 1999.

DIENER, E.; SUH, E. M.; OISHI, S. Recent Findings on Subjective Well-Being. **Indian Journal of Clinical Psychology**, v. 24, n. 1, p. 25-41, 1997.

EASTERLIN, R. Does economic growth improve the human lot? Some empirical evidence. **Social Indicators Research**, v. 8, n. 2, p. 199-221, 1980.

EASTERLIN, R. Life cycle happiness and its sources. Intersections of psychology, economics and

demography. **Journal of Economic Psychology**, v. 27, n. 4, p. 463-482, 2006.

FIDRMUC, J. TUNALI, C. B. **Happiness and Religion**. CESifo working paper n. 5437. 2015.

Disponível em: < https://www.cesifo.org/DocDL/cesifo1_wp5437.pdf>.

FREIRE, T.; TAVARES, D. Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 38, n. 5, p. 184-188, 2011.

FREY, B. S. **Happiness Research in Economics – A Revolution?** Cambridge: **The MIT Press**, 2008.

GOLDSTEIN, D. M.; DRYBREAD, K. The social life of corruption in Latin America. **Culture, Theory and Critique**, v. 59, p. 299-311, 2018.

GRAHAM, C. Adaptation amidst Prosperity and Adversity: Insights from Happiness Studies from around the World. **The World Bank Research Observer**, v. 26, n. 1, p. 105–137, 2010.

GRAHAM, C.; FELTON, A. Inequality and happiness: Insights from Latin America. **Journal of Economic Inequality**, v. 4, n. 1, p. 107-122, 2006.

HAYASHI, F. E. H. O impacto da corrupção sobre o desenvolvimento dos países. In XXI **Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito – CONPEDI**, 2010.

HAYO, B. **Happiness in Eastern Europe**. Marburg Economic Working Paper Nº. 12, 2004. Disponível em: < <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/29882/1/506410927.PDF>>.

HELLIWELL, J. F. How's life? Combining individual and national variables to explain subjective well-being. **Economic Modelling**, v. 20, n. 2, p. 331-360, 2003.

HELLIWELL, J.; LAYARD, R.; SACHS, J. (Eds.). **World Happiness Report**. New York: The Earth Institute, 2012.

HELLIWELL, J. F.; PUTNAM, R. D. The social context of well-being. **The Royal Society**, v. 359, n. 1449, p. 1435–1446, 2004.

HÖLLINGER, F.; HALLER, M. Kinship and social networks in modern societies: a cross-cultural comparison among seven nations. **European Sociological Review**, v. 6, n. 2, p. 103-124, 1990.

ISLAM, G.; WILLS-HERRERA, E.; HAMILTON, M. Objective and subjective indicators of happiness in Brazil: the mediating role of social class. **Journal of Social Psychology**, v. 149, n. 2, p. 267-272, 2009.

LI, Q.; AN, L. Corruption Takes Away Happiness: Evidence from a Cross-National Study. **Journal of Happiness Studies**, v. 21, p. 485–504, 2019.

LIMA, S.V. **Economia e Felicidade: um estudo empírico dos determinantes da felicidade no Brasil**. 2007. 93f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

LOPES, L. S.; TOYOSHIMA, S. H. Evidências do impacto da corrupção sobre a eficiência das políticas

de saúde e educação nos estados brasileiros. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 41, p. 199-228, 2013.

LYUBOMIRSKY, S.; TKACH, C.; DIMATTEO, M. What are the differences between happiness and self-esteem? **Social Indicators Research**, v. 78, p. 363-404, 2006.

MORRIS, S. D. Corruption in Latin America. **The Latin Americanist**, v. 49, n. 2, p. 5-16, 2008.

NERY, P. F. Economia da Felicidade: Implicações para Políticas Públicas. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, 2014 (**Texto para Discussão nº 156**). Disponível em: <www.senado.leg.br/estudos>.

UNODC. (2013). United Nations Office on Drugs and Crime. **Countering Corruption**. Disponível em: <https://www.unodc.org/southasia/en/topics/frontpage/2009/countering_corruption.html>.

RIBEIRO, C. A. C. Renda, Relações Sociais e Felicidade no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 1, p. 37-78, 2015.

RODRIGUES, A.; SILVA, J. A. da. O papel das características sociodemográficas na felicidade. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 113-123, 2010.

ROJAS, M. **Corruption and Weak Institutions**. In: ESTE, R. J.; SIRGY, M. J. (Eds.). Human Well-Being and Policy Making. Springer, cap. 11, p. 155-164, 2020.

ROTHSTEIN, B. **Corruption, Happiness, Social Trust and the Welfare State: A Causal Mechanisms Approach**. QoG Working Paper Serie, 2010. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/39057>.

SALOVEY, P., ROTHMAN, A. J., DETWEILER, J. B., STEWARD, W. T. Emotional states and physical health. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 110–121, 2000.

SANTOS, A. S. Capítulo I: Revisão bibliográfica. In: SANTOS, A. S. **Economia da felicidade: determinantes da felicidade e a influência das dimensões socioculturais**. Um estudo multicultural. 2015. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Autónoma de Lisboa, p. 353, 2015.

SANTOS, E. R.; NETO, H. A.; PASE, H. L.; SILVA, F. H. M. Democracia e corrupção na América Latina. **Revista de Políticas Públicas**, v. 26, n. 2, p. 582-597, 2022.

SATROVIC, E.; CETINER, O.; MUSLIJA, A. Whether control of corruption matters for happiness: evidence from panel data analysis. **PressAcademia**, v. 7, n. 1, p. 381-387, 2018.

STUTZER, A.; FREY, B. S. Reported Subjective Well-Being: A Challenge for Economic Theory and Economic Policy. **Schmollers Jahrbuch**, v. 124, n. 2, p. 191-231, 2004.

SULEMANA, I. **Do Perceptions about Public Corruption Influence Subjective Well-being? Evidence from Africa**. In: ADKINS, V. (Ed.). Subjective Well-Being Psychological Predictors, Social Influence and Economical Aspects. United Kingdom: Nova Science Publishers, 2015.

TANZI, V.; **Corruption, Governmental Activities, and Markets**. The Economics of Organized Crime,

Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

YAN, B.; WEN, B. Income inequality, corruption and subjective well-being. **Applied Economics**, v. 52, p. 1311-1326, 2019.